

A ADOLESCÊNCIA E O CORPO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE MARCAS CORPORAIS

ADOLESCENCE AND THE BODY: A PSYCHOANALYTICAL STUDY ON CORPORATE BRANDS

RESUMO: A adolescência é uma fase cheia de desdobramentos e uma das mudanças mais significativas é a transformação do corpo. O objetivo é compreender os fatores psíquicos que levam o sujeito a praticar o ato violento com o próprio corpo, bem como investigar o que essas marcas representam para o adolescente. Também foi questionado até que ponto o ato de marcar o corpo deixa de ser normal e passa a ser patológico. A metodologia utilizada foi concebida como uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de uma revisão bibliográfica fundamentada na abordagem psicanalítica. Foi possível verificar que o ato de marcar o corpo está estritamente ligado à formação da subjetividade do sujeito. Já os cortes na pele, estão relacionados aos conflitos psíquicos não representados a nível inconsciente, pois, são realizados na tentativa de elaborar o que foi recalcado.

Palavras-chave: Adolescência; Marcas Corporais; Psicanálise.

ABSTRACT: *Adolescence is a phase full of unfolding and one of the most significant changes is the transformation of the body. The objective is to understand the psychic factors that lead the subject to practice the violent act with the body itself, as well as to investigate what these marks represent for the adolescent. It was also questioned to what extent the act of marking the body ceases to be normal and becomes pathological. The methodology used was conceived as a qualitative research, carried out through a bibliographic review based on the psychoanalytic approach. It was possible to verify that the act of marking the body is strictly linked to the formation of the subjectivity of the subject. The cuts in the skin, are related to the psychic conflicts not represented at the unconscious level, because, they are realized in the attempt to elaborate what was emphasized.*

Keywords: *Adolescence; Body Brands; Psychoanalysis.*

Sindy Ohany Barbosa Silva ¹
Guilherme Barbosa de Souza ²
Letícia Xavier Faria ³
Clarice Carvalho dos Santos ³
Osmar Pereira dos Santos ⁴
Emilse Terezinha Naves ⁵

1 Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Catalão – Go, Especialista em Psicologia do Transito pela Faculdade Santo André (FASA) Ji-Paraná – Ro.

2 Discente de Enfermagem na Faculdade União de Goyazes (FUG), Trindade – Go.

3 Docente na Faculdade União de Goyazes (FUG), Trindade – Go.

4 Coordenador Pedagógico do curso de Enfermagem da FUG, Trindade – Go.

5 Docente na Universidade Federal de Goiás (UFG), Catalão - Go.



Recebido: 16.02.17 | Aceito: 05.08.17

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de desdobramentos, transformações e impasses, ocorrendo tanto na vida psíquica quanto em relação ao corpo. Este motivo instigou verificar a importância em realizar um estudo sobre a adolescência e o corpo, especificamente sobre a postura assumida pelo adolescente, o qual inscreve no corpo seus afetos em forma de marcas, que pode ir de uma simples tatuagem até um profundo corte na pele.

A adolescência é entendida como uma fase intermediária entre a infância e a vida adulta, na qual o adolescente sofre a perda do corpo infantil desenvolvendo assim, o corpo adulto. Como o adolescente, na maioria das vezes é imaturo, essas mudanças acabam gerando desconfortos e até mesmo a vivência de um mal-estar.

Os problemas mais frequentes enfrentados pelo sujeito adolescente estão ligados à sua inserção nos diversos grupos sociais. Na grande maioria dos casos, há dificuldades em relação à adaptação ao próprio grupo de adolescentes. Do mesmo modo, a mudança corporal exige um processo de adaptação, tendo em vista que na adolescência o corpo é transformado a partir da puberdade. Essas mudanças causam estranheza por não saber como será a forma final do mesmo e se esse novo corpo atenderá ao que é exigido pela sociedade. Percebemos hoje como a cultura tem cobrado padrões de beleza, sendo que essa exigência cultural acaba gerando nos adolescentes consequências psíquicas, pois eles estão constantemente procurando formas de identificação que atendam a essas novas imposições sociais. A adolescência leva o sujeito a ter que considerar uma nova imagem de seu corpo, podendo essa, ser a imagem almejada ou não.

Todas as questões vividas pelo adolescente passam pelo corpo, por exemplo, relacionamentos afetivos, auto percepção, a sexualidade, a formação da identidade, o sofrimento advindo das inúmeras transformações ocorridas, as relações com o meio social e assim por diante. É possível perceber que o corpo é o porta voz do sujeito. Assim, existem várias questões vividas entre o adolescente e seu corpo.

A adolescência é também a fase de reviver e resignificar o que foi vivido na infância. Podemos sustentar essa afirmação através de Freud em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), quando diz sobre o resurgimento do Édipo na adolescência. Assim, a sexualidade infantil é interrompida pelo período de latência, e a sexualidade retornará na adolescência, como uma retomada do que se deu início na infância ⁽¹⁾.

O adolescente tem o costume de agir de forma impulsiva, por não saber se deve se posicionar como adulto ou como criança, pois é uma fase de busca por novas identificações, não sabendo até então com quem se identificar. É esperado que o adolescente abandone os hábitos de criança, que foram idealizados pelos pais e assuma sua própria identidade. Por não haver um padrão de

comportamento estabelecido, ele fica por entender quando está realizando um ato patológico e quando está agindo de uma forma dita “normal” para essa fase da vida.

Diante de tantas complicações vividas nessa etapa, percebemos frequência, uma questão intrigante, que é a estrita relação que o adolescente tem com o seu corpo, o que acaba levando alguns sujeitos à necessidade de marcar o corpo como forma de punição ou até mesmo, de expor seus afetos. Esse ato na maioria dos casos tem início nessa época. Essas marcas podem ser percebidas como cortes, furos, arranhões, sendo essas ações, segundo o próprio relato dos adolescentes, causadas pela dificuldade em lidar com suas questões subjetivas. Outros atos são usados com a intenção de atender aos padrões de beleza, como por exemplo, as tatuagens e *piercings* ⁽²⁾.

Diante esta realidade há necessidade de questionar o porquê de descarregar no corpo algo que é vivido psicologicamente? Não existiria outra forma de externalizar esses afetos que não seja no corpo? O que essas marcas feitas no corpo representam para os adolescentes? O fato de modificar e marcar o corpo têm várias explicações dependendo de vários fatores². A hipótese levantada por nós e sustentada por alguns autores diz respeito sobre a realização do corte na carne como tentativa de elaboração de conteúdos que geraram conflitos psíquicos. O corte se dá como forma de transbordamento do que não foi representado no psíquico, e que também é considerado como masoquismo, pois, é uma agressão voltada para o próprio corpo.

Foi possível perceber diante dessa problemática, a grande importância em desenvolver um estudo voltado para este tema, pois, a cada dia, o costume de o adolescente marcar o corpo, vem ganhando espaço nas mídias e também se tornando presente nos consultórios de psicologia. O estudo do tema tornou-se importante também para entender porque o adolescente apresenta uma atitude, que muitas vezes, chega a ser compulsiva, prejudicando a própria saúde física e mental. Muitos estudos já foram desenvolvidos nessa perspectiva, porém concluímos que muitas perguntas ainda permanecem sem respostas. Assim, a nossa intenção nesse estudo, foi a de esclarecer algumas dessas perguntas e contribuir para o preenchimento de lacunas teóricas acerca desta problemática.

MATERIAL E MÉTODOS

Como forma de desenvolvimento desse estudo recorreremos a realização de pesquisa bibliográfica do tipo revisão narrativa que se apoia, principalmente, na teoria psicanalítica, baseada em Freud e em autores pós-freudianos. Foi utilizado também blogs, onde identificamos relatos de adolescente sobre o ato de marcar o corpo, o que torna nosso estudo mais próximo das questões vividas pela adolescência. Por fim, contamos com relatos de adolescentes que participam de uma oficina de escrita, desenvolvida como projeto de extensão, pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

RESULTADOS

Pode-se dizer que marcas como tatuagens, *piercings*, são usadas para atender a um padrão de beleza apresentado, tem sentido identificatório, ou seja, é como se fosse uma forma de o adolescente se diferenciar do outro, ou até mesmo de tentar ser singular. Já o ato de marcar o corpo com cortes é um assunto que deve ser tratado com cautela, pois este envolve questões incômodas para o adolescente, podendo gerar frustrações, angústias e conseqüentemente o desenvolvimento de patologias. Podemos dizer que esses cortes feitos no corpo marcam a história do adolescente, como lembrança, como um acontecimento, ou até mesmo como uma época vivida e isso faz parte da constituição do sujeito.

O sujeito adolescente está a todo o momento em contato com novos laços sociais e da mesma forma está em contato com diferentes formas de cultura, possibilitando assim a experimentação de vários costumes e novas identificações. O sujeito se depara com vários tipos de influências identitárias, identificação profissional, de gênero, de religião, de estilo de vida, entre outras, pois sabemos que a adolescência é fase de identificação. A partir desses laços construídos através da experimentação de novas culturas e identificações, os adolescentes formam grupos, que na maioria dos casos têm os mesmos objetivos, assuntos, ou pelo menos alguma característica em comum. Esses grupos se formam por algum tipo de interesse obtido pelos integrantes do mesmo.

Como já vimos as relações entre os sujeitos da contemporaneidade são muito frágeis, onde uma pessoa não tem a segurança de manter um relacionamento estável e confiável ⁽³⁾. Os adolescentes preferem se relacionar pelos meios tecnológicos, como internet, telefone e outros. Com isso constroem relações “frouxas” e vivem “situações líquidas”, onde se torna difícil a troca de confidências e confiança ⁽³⁾.

A linguagem é um dos grandes mediadores na constituição do sujeito e sabemos que na contemporaneidade a linguagem verbal caiu em desuso diante de tamanha tecnologia, principalmente nos grupos adolescentes. As pessoas não têm contato umas com as outras, preferem se comunicar virtualmente, como já dissemos, são construídos relacionamentos frágeis, assim, as pessoas quase não têm tempo para se expressar. Com isso, torna-se visível a fala do corpo, ou seja, a linguagem corporal. E o que seria essa linguagem corporal na adolescência? Ao ponto que nos interessa, podemos perceber que a linguagem corporal do adolescente nos atos de agressão ao próprio corpo, é uma forma de passar ao ato, de expressar o que se sente, de tentar elaborar por meio de ações as questões psíquicas que não foram compreendidas a nível inconscientes.

Com as mudanças ocorridas na adolescência, o adolescente tem agora que lidar também com o novo corpo adquirido, o que para a maioria deles torna-se uma situação complicada que gera muitos embates.

O sujeito cria mecanismos para se adaptar a esse corpo estranho, tendo em vista que esses mecanismos podem acabar desencadeando patologias. Assim, podemos supor que marcas reproduzidas no corpo, pode ser o sintoma de uma patologia que até então, era somente um mecanismo de defesa, usado pelo adolescente como forma de expressar seu mal estar diante do estranhamento e da difícil adaptação do novo corpo adquirido. Nesse sentido afirma-se:

A adolescência é também o momento da existência em que o sujeito experimenta pela primeira vez um sentimento de estranheza em relação ao seu corpo e as dificuldades e impossibilidades serão resolvidas por atos, atos que permitam a saída dos impasses e da pane ⁽⁴⁾.

DISCUSSÃO

Podemos perceber então, que os atos de agressões ao corpo, podem ser considerados como mal-estar que são reproduzidos de forma, muitas vezes, repetitiva, e esses casos são comumente notados nos episódios de anorexia e bulimia. De acordo com algumas pesquisas, pessoas que sofrem bulimia ou anorexia, muitas vezes relatam que já praticaram o ato de autoagressão como forma de expressar os sentimentos que não são aceitos ou até mesmo como meio de autopunição. Por isso o ato de se cortar torna uma obsessão difícil de ser controlada em alguns casos, assim o adolescente passa a cometer esse ato com grande frequência⁵.

A angústia vivida é tamanha, que o sujeito só consegue se sentir bem depois de fazer marcas no corpo, é uma forma de gozo, tendo em vista que o sujeito se sente tão angustiado que precisa elaborar esse sentimento, então esse corte se dá em forma de um transbordamento. De acordo com relatos feitos em blogs, percebemos que depois do corte feito, é experimentado um sentimento de alívio pelo sujeito, então, é nesse sentido que usamos a palavra “gozo”, sendo entendida como um alívio e não visto como prazer. O sujeito transcreve no corpo um corte que ele não consegue realizar em outro lugar⁶.

Outra questão que pode estar relacionada às agressões ao corpo são as várias formas de obter o gozo, o que vai além da sexualidade, pois este gozo se dá no sentido do alívio experimentado após uma descarga de sentimentos. Isso se torna nítido em relatos de adolescentes que participam de um projeto de extensão realizado na cidade de Catalão-Goiás, pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Uma das adolescentes participante relata que já se cortou e que às vezes repete o ato quando está em conflito com suas questões.

A partir do material produzido no projeto por essa adolescente (desenhos e textos que contam sobre sua vida) é possível supor conflitos com a própria sexualidade. Seus desenhos apresentam traços de homossexualidade, e em seus textos, suas relações com as amigas do mesmo sexo, são muito difusas, onde é possível perceber um investimento libidinal excessivo.

A adolescente conta que foi proibida pelos pais, de se relacionar com uma amiga, por causa da proximidade e do apego que as duas tinham. Após essa proibição, a adolescente diz que se cortou algumas vezes, notamos aqui a questão do gozo, onde ela se corta para aliviar o sentimento de privação, o corte é uma passagem ao ato. Esta repetição do corte, diz respeito à emergência da pulsão de morte, onde o sujeito, no caso das marcas corporais, coloca em ato um excesso que não consegue ser representado.

Quando questionada sobre sua atitude, a adolescente disse que foi a forma que ela encontrou para lidar com seus sentimentos, com sua angústia. Contou também que se sentia bem e aliviada ao ver o seu sangue escorrer pela pele, mas que depois de algum tempo experimentava um sentimento de arrependimento por ter causado um corte em seu próprio corpo.

Outro adolescente participante deste mesmo projeto de extensão, relata já ter se cortado algumas vezes por não ser aceito pelos grupos sociais do qual participa. Ele expõe através de suas produções (desenhos e textos que contam sobre sua vida), que sempre fingiu ser quem não é, segundo ele, para ser aceito, em todos os lugares que frequenta, até mesmo em sua casa.

Nesse caso, percebemos que a questão da adaptação à adolescência é um dos problemas vividos por esse sujeito, que não pode mais agir da forma que deseja, e ao invés disso, ele se reprime e vive da forma que os indivíduos ditam. Um dos modos que esse adolescente encontrou de representar seu sofrimento psíquico foi por meio dos cortes na carne. Como ele não consegue fazer o corte nessas relações que causam frustração e angústia, a forma de passar ao ato, é agredindo o próprio corpo.

Nos dois relatos dos adolescentes, percebemos que o ato de cortar a pele é vivido com intensidade. É possível notar como a pulsão de morte move o psiquismo desses sujeitos para obter alívio, através do corte. Podemos supor então que a pulsão de morte está estritamente ligada com o ato de marcar o corpo, sejam por meio de cortes ou até mesmo outros tipos de marcas como arranhões, ou furos. Assim esse corpo passa a ser um instrumento de inscrição, o que não é representado, aparece como sintoma ou somatização por meio do corpo. Podemos considerar como o transbordamento dos conflitos inconscientes, como se a angústia, ou qualquer outro tipo de sentimento que causa sofrimento, incomodasse a tal ponto que ocasionaria esses cortes na pele. Esse transbordamento que falamos, ocorre quando o sujeito não suporta mais o sofrimento psíquico, é como um copo de água que vai enchendo aos poucos, se continuarmos colocando água sem parar, em algum momento ele vai transbordar por não suportar mais água. Então o corte é uma forma que o adolescente encontra de passar ao ato.

Não devemos deixar de lembrar as repetições dos cortes feitos na pele pelos adolescentes, que devem estar ligadas também à pulsão de morte, pois por mais que esses cortes se instaurem como um alívio de uma tensão, ou como a representação de um conflito não elaborado, esta atitude está totalmente ligada ao sentimento doloroso de desprazer. Esses sentimentos angustiantes vividos pelo adolescente escapam do simbólico, não são expressos por palavras, eles estão ligados ao silêncio, ao não dito. Desse modo, por esses conflitos não serem simbolizados, eles se tornam persecutórios, ou seja, repetitivos, e continuam a fazer parte da passagem ao ato do adolescente. Sabemos que a pulsão de morte, se concebe desta forma, pois a repetição se dá pela incapacidade de estruturar a simbolização⁽⁷⁻⁸⁾.

A dor física é vista como um dos objetivos do sujeito que agride o próprio corpo. Essa dor pode ser observada, através de relatos de pessoas que praticam esses atos, como dissemos anteriormente, é a forma de adquirir uma nova situação, ou um novo estado, pois o sujeito que se corta geralmente é portador de um sentimento totalmente incômodo, sendo que se torna impossível suportar as questões vividas naquele momento.

Após o corte, o sujeito passa do estado de angustia para o estado do gozo, tendo em vista que ele experimenta um alívio do sentimento de mal-estar, pois ele sente bem se cortando e sentindo a dor, então o corte pode ser entendido como transição de um estado para outro. É aqui que entra o masoquismo erógeno, pois no momento em que o adolescente se corta e sente um alívio na dor, o que percebemos é que ele está dirigindo sua pulsão de morte para a representação no próprio corpo. Como toda a pulsão de morte desse sujeito não foi liberada no ato, ela volta para si mesmo, e é assim que surgem as repetições desses cortes na pele⁽⁹⁾.

Algumas situações de dor e desprazer podem ser vividas como prazer, a dor é erótica e isso nos diz sobre a estrutura do masoquismo. É importante resaltar que o erotismo não busca constantemente o prazer, ele tem outros destinos. O masoquismo erógeno assume como objeto o próprio sujeito⁽⁹⁾. No tópico anterior, concluímos que toda a pulsão de morte que continua no organismo após a tentativa de elaboração por meio da representação, onde parte dessa pulsão é dirigida para fora do organismo, a pulsão restante se transforma em masoquismo erógeno, que conseqüentemente será voltado para o próprio corpo.

Nem sempre as pessoas experimentam o estado de gozo após o corte, ou seja, o sentimento de alívio, ou de descarga do sentimento de mal estar, pois, alguns sujeitos relatam em pesquisas, que após descarregarem seus sentimentos na agressão ao corpo, eles sentem-se piores do que antes, porque nesses casos a angústia não é elaborada e, além disso, ocorre o sentimento de culpa por terem causado uma cicatriz no próprio corpo. Essas marcas dizem muito sobre o interior e o exterior do sujeito, sobre suas questões inquietantes e sobre o que não foi elaborado.

Diante dessas considerações, podemos supor que o ato de realizar um corte no corpo como forma de elaboração ou passagem ao ato, geralmente é seguido de alguma frustração. De acordo com

Jatobá (2010), isso diz respeito também sobre a constituição da subjetividade, pois, ao não tolerar a frustração, o adolescente pode buscar formas diferentes de passar ao ato, como cometer crimes, agredir pessoas ou até mesmo o próprio corpo.

É importante saber quando as marcas no corpo são de cunho psicológico, quando são ligadas a questões culturais e quando são realizadas como forma de identificação. A tatuagem, por exemplo, é na maioria das vezes usada pelo jovem como forma de identificação com um grupo, mas antigamente a tatuagem era usada na África como forma de marcar o corpo despido, porque na cultura africana é necessário haver marcas no corpo para que o mesmo exista.

Assim, podemos ver que o ato de tatuar não é somente transcrever algo sobre a pele, esta ação está estritamente ligada ao ato de “escarificar: furar a derme introduzindo pigmentos, compondo uma marca definitiva. Essa marca tem uma dupla função: tanto de coletivizar como de singularizar”⁽²⁾. Assim as tatuagens podem ter significados e razões diferentes para serem feitas, se diferindo assim, dos cortes na pele.

Percebemos, após as contribuições de Freud com seus estudos sobre pulsão de morte, masoquismo erógeno, o corpo e a adolescência para a psicanálise, que o adolescente apresenta muitas questões subjetivas que não são passíveis de elaboração, em alguns casos, é nesse momento que a passagem ao ato se inscreve através de corte na pele.

CONCLUSÃO

Os cortes feitos na pele podem ser considerados como uma tentativa de expulsar os conflitos psíquicos que não são passíveis de elaboração a nível inconsciente. Isso nos diz muito sobre as angústias vividas pelo adolescente numa fase de tantas transformações, como as transformações corporais, como de formação de identidade e das relações sociais. Contudo, não podemos afirmar que esses cortes só são feitos na tentativa de elaboração, pois podem existir outros fatores que colaboram para ocorrência desse comportamento destrutivo.

Elucidamos que as tentativas de elaboração dos conflitos psíquicos por meio de cortes e suas incessantes repetições estão ligadas á pulsão de morte e ao masoquismo, pois um interpõe o outro. Assim notamos que a conclusão mais próxima da realidade vivida pelo adolescente, é de que as marcas feitas no corpo dizem exatamente sobre a subjetividade vivida por esse indivíduo.

Inicialmente, foi apresentado que a adolescência é uma fase constituída por várias questões que carecem de ser reconhecidas e enfrentadas pelo sujeito pois a adolescência é uma fase cheia de desdobramentos. É preciso que se olhe este fenômeno como um fato ligado á saúde mental, e que se pense em alguns meios, como por exemplo, a psicoterapia, para elaborar os enfrentamentos do adolescente, pois o ato de marcar o corpo com cortes está crescendo e se tornando um fato comum.

Podemos perceber isso através das mídias, que são aonde os adolescentes vem se expondo cada vez mais. Eles compartilham relatos sobre seus cortes em forma de vídeos, blogs, dentre outros meios. Essas marcas feitas na pele representam para o adolescente também uma forma de se punir pelos seus atos, seria como se ele descarregasse no corpo a angústia ou a raiva consequente de alguma situação que não deu certo, ou de algum erro cometido.

Nesse ponto recorreremos novamente à questão da pulsão de morte e do masoquismo. O corpo se torna mediador dessa relação conflituosa. O impacto desta realidade afeta a percepção do adolescente sobre si mesmo e sobre sua subjetividade, refletindo sentimentos de insegurança, impotência, afetando também suas relações com o meio social, fragilizadas em decorrência da situação de isolamento, que às vezes é a atitude tomada pelo adolescente como um meio de não expor suas marcas. Isso tudo ainda é agravado pela falta de apoio das pessoas às quais possam recorrer em busca de uma saída.

O conhecimento sobre a função do corte na pele, e o que isso diz da estruturação subjetiva do adolescente torna-se de suma importância para compreendermos a configuração psicológica desses sujeitos. Tomar as atitudes dos mesmos como objeto de estudo psicanalítico nos ensina sobre os conflitos vividos pelos adolescentes e nos lança novos desafios para esse enfrentamento, tendo em vista que muitas perguntas ainda permanecem sem respostas.

REFERÊNCIAS

- 1 ASSOUN, P-L. (1995). *Metapsicologia freudiana. Uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editores.
- 2 COSTA, A. (2003). *Tatuagens e marcas corporais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- 3 BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- 4 OUTEIRAL, J. O. (2003) *Adolescer - Estudos Revisados Sobre Adolescência - 3ª Ed.* - Editora: Revinter.
- 5 Oliveira, I. M. A. (2004). As inscrições de um corpo: considerações sobre uma oficina de escrita com toxicômanos num centro de recuperação. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fundamental*, 6 (2), 114-125.
- 6 JATOBA, M. M. V. (2010) *O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica*.
- 7 FREUD, S. [1920/1919]. (1996) *Além do Princípio de Prazer*. In: *Coleção das obras psicológicas completas de Sigmund Freud da ed. standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. v.18.
- 8 FREUD, S. [1923]. (1996) *O ego e o id*. In: *Coleção das obras psicológicas completas de Sigmund Freud da ed. standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. V. 29.
- 9 FREUD, Sigmund. (1924). *O problema econômico do masoquismo*. Vol. 19, ESB. Standard Edition Brasileira, Rio de Janeiro: Imago.